



ARAUJO, Ivanildo. O Cristo escatológico na epopeia *Feitos de Mem de Sá*. *Revista Épicas*. N. 17 – jun 25, p. 17-24.
DOI: <http://dx.doi.org/10.47044/2527-080X.2025.v17.1724>

O CRISTO ESCATOLÓGICO NA EPOPEIA *FEITOS DE MEM DE SÁ* THE ESCATOLOGICAL CHRIST IN THE EPIC POEM *FEITOS DE MEM DE SÁ*

Ivanildo Araujo¹
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

RESUMO: O presente trabalho trata da epopeia *Feitos de Mem De Sá* (1563), de José de Anchieta. O texto explora a vitória das forças portuguesas sobre os nativos e sobre as tropas francesas conhecidas como “França Antártica”. Esse episódio histórico é conhecido como “Confederação dos Tamoios”, dentro da perspectiva épica, a obra expressa o caráter maravilhoso na figura de Cristo Rei, o Cristo escatológico, é ele que auxilia Mem de Sá.

Palavras-chave: Epopeia; Cristo; Mem de Sá

ABSTRACT: This work deals with the epic poem *Feitos de Mem De Sá* (1563), by José de Anchieta. The text explores the victory of the Portuguese forces over the natives and over the French troops known as “França Antártica”. This historical episode is known as “Confederação dos Tamoios”, in the epic perspective, the work expresses the marvelous character in the figure of Christ, the King, the eschatological Christ, who helps Mem de Sá.

Keywords: Epic; Christ; Mem de Sá

Introdução

O presente trabalho diz respeito a uma série de artigos desenvolvidos a partir de estudos teológicos relacionados as epopeias. Desde a Tese de doutoramento *La semaine*, a epopeia religiosa, temos direcionado nossa linha de pesquisa (como membro do CIMMEP), para o âmbito religioso.

¹ Doutor em Estudos Literários no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe. Mestre em Cinema e Narrativas Sociais/PPGCINE pela UFS e Especialista em LIBRAS (UCAM). Professor da Universidade Tirantes. E-mail: hd_ivan@hotmail.com.

Percebemos as múltiplas manifestações de Cristo nas epopeias, seja como pessoa ou como Deus, obras como: *Memorial da infância de Cristo* (1639), *Os Lusíadas* (1572), *Divina Comédia* (1321), *Paraíso perdido* (1667), *Paraíso reconquistado* (1671), entre outras. *Feitos de Mem De Sá* (1563), de José de Anchieta, é uma epopeia que possui a figura de Cristo, no entanto, sua manifestação na obra se mostra diferente de outras obras, pontuamos aqui neste artigo, as manifestações de Cristo na Bíblia, e como essas manifestações definem o percurso da narrativa.

1. Fundamentação teórica

Antes de abordar a epopeia *Feitos de Mem De Sá*, urge explicar as manifestações de Cristo nas escrituras (BÍBLIA). No decorrer do Antigo e do Novo Testamento, Cristo se manifesta de quatro formas distintas. Cada uma delas revela um momento do Evangelho: *O Cristo preexistente*, *o Cristo encarnado*, *o Cristo ressurreto* e *o Cristo glorificado*. Vejamos cada uma delas:

1.1. O Cristo preexistente

Muitos acreditam que Cristo só veio a existir após a concepção milagrosa que ocorreu no ventre de Maria, no entanto, Cristo sempre existiu, sua aparição não está limitada ao Novo Testamento, no Antigo Testamento também podemos ver antecipações do Cristo. O filósofo Vern S. Poythress, em seu livro *Theophany: A Biblical Theology of God's Appearing* (2018), comenta sobre essas antecipações:

The Old Testament contains many anticipations of the time when Christ would come to earth and would accomplish salvation. These anticipations or *shadows* of what was to come include instances where human beings experience visible manifestations of God. Some experiences take place in dreams, some in broad daylight (2018, p. 20) ².

Jesus legitima tais declarações no *Novo testamento*, quando afirma: “Disse-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo que antes que Abraão existisse, *eu sou*” (*João* 8:58). O termo “*eu sou*”, remete a manifestação de Deus a Moisés no Sinai, afirmando que Ele também é Deus e que estava lá: “E disse Deus a Moisés: *eu sou o que sou*. Disse mais: Assim dirás aos filhos de Israel: *eu sou* me enviou a vós” (*Êxodo* 3:14). Outrossim, vemos na introdução do *Evangelho segundo João*, a forma como o escritor parafraseia o Gênesis:

No início era o Verbo, e o Verbo estava voltado para Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava, no início, voltado para Deus. Tudo foi feito por meio dele; e sem ele nada se fez do que foi feito. Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens, e a luz brilha nas trevas, e as trevas não a compreenderam (*João* 1:1-18).

² O Antigo Testamento contém muitas antecipações do tempo em que Cristo viria à Terra e realizaria a salvação. Essas antecipações ou *sombras* do que estava por vir incluem casos em que os seres humanos experimentam manifestações visíveis de Deus. Algumas experiências acontecem em sonhos, algumas em plena luz do dia (tradução nossa).

No *Evangelho segundo Lucas*, ele afirma que esteve presente quando o anjo Lúcifer foi expulso do céu, evento que na cronologia bíblica, antecede a Criação. “E disse-lhes: Eu vi Satanás, como raio, cair do céu” (*Lucas* 10:18). Isso é ratificado também no *Evangelho segundo João*, na oração de adeus, feita por Jesus: “E agora glorifica-me tu, ó Pai, junto de ti mesmo, com aquela glória que tinha contigo antes que o mundo existisse” (*João* 17:5). Por fim, a declaração do apóstolo Paulo: “Ele é antes de todas as coisas, e por meio dele tudo subsiste” (*Colossenses* 1:17).

1.2. O Cristo encarnado

Esse é o Cristo mais difundido, o nascido da virgem Maria. O exemplo de humildade e amor. Segundo o sacerdote jesuíta Karl Rahner, ao se referir a questão da "encarnação de Deus":

Deus se fez Homem. Pois só aí é que entendemos o que significa propriamente Palavra de Deus. Não porque qualquer das pessoas divinas possa se tornar homem, mas antes porque –desde a sentença de que Deus se autoexpressou para nós imediatamente precisamente em uma história como homem– torna-se-nos inteligível que Deus, o princípio originário indevassável –que chamamos de Pai– possui realmente um Logos, isto é, a possibilidade de expressar-se historicamente a si mesmo e em si mesmo para nós, que este Deus é a fidelidade histórica e, neste sentido, é o Verdadeiro, o Logotipos (1989, p. 257).

Como homem, Ele tinha limitações. Sentia fome: “De manhã, quando Jesus estava voltando para Jerusalém, sentiu fome” (*Mateus* 21:18); sentiu cansaço: “Estava ali a fonte de Jacó. Cansado da viagem, assentara-se Jesus junto à fonte, por volta da hora sexta” (*João* 4:6); sentiu sede: “Nisto, veio uma mulher samaritana tirar água. Disse-lhe Jesus: Dá-me de beber” (*João* 4:7); sentiu tristeza: “Jesus chorou” (*João* 11:35); experimentou a morte: “Quando, pois, Jesus tomou o vinagre, disse: Está consumado! E, inclinando a cabeça, rendeu o espírito” (*João* 19:30).

Ele foi chamado de “Cordeiro de Deus”, segundo o Evangelho de João: “No dia seguinte João viu a Jesus, que vinha para ele, e disse: Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (*João* 1:29). A analogia ao “Cordeiro”, remete ao ritual sacrificial de purificação pelo animal imolado, ou seja, a morte do Cordeiro, traria vida. Isso era comum na religião judaica, como explica o antropólogo René Girard:

O sacrifício é produzido quando a violência sagrada apodera-se da vítima; é a morte que produz a vida, assim como a vida produz a morte, no círculo ininterrupto do eterno retorno comum a todas as grandes reflexões teológicas diretamente implantadas na prática sacrificial, aquelas que nada devem à desmitificação judaico-cristã (2008a, p. 273).

Ora, Cristo é a propiciação do pecador (daquele que erra), de maneira que é tido como advogado, conforme acentua João em sua epístola:

Caros filhinhos, estas palavras vos escrevo para que não pequeis. Se, entretanto, alguém pecar, temos Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo; e Ele é a propiciação pelos nossos pecados e não somente por nossas ofensas pessoais, mas pelos pecados de todo o mundo (I *João*: 2-1).

O Cristo, também chamado de *Filho do homem*³, veio para advogar em causa da humanidade: “Portanto, Deus enviou o seu Filho ao mundo não para condenar o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por meio dele” (*João 3:17*). Nas esferas sacras, essa é a imagem do Cristo que prevalece. Ela é a motivação do aperfeiçoamento humano, do reconhecimento das nossas limitações, do caráter humilde que precisamos ter e do infinito amor de Deus, que entregou Seu Filho em sinal de amor.

1.3. O Cristo ressurreto

O Cristo ressuscitado é outra imagem bastante difundida, não obstante, poucos se comenta sobre a aparência de Cristo logo após a ressurreição ao terceiro dia. Os discípulos não o reconheceram, conforme acentua o Evangelho segundo Lucas:

E eis que no mesmo dia iam dois deles para uma aldeia, que distava de Jerusalém sessenta estádios, cujo nome era Emaús. E iam falando entre si de tudo aquilo que havia sucedido. E aconteceu que, indo eles falando entre si, e fazendo perguntas um ao outro, o mesmo Jesus se aproximou, e ia com eles. Mas os olhos deles estavam como que fechados, para que o não conhecessem (*Lucas 24:13-16*).

O Evangelho segundo João também descreve que os discípulos não o reconheceram: “E, sendo já manhã, Jesus se apresentou na praia, mas os discípulos não conheceram que era Jesus” (*João 21:4*). Madalena que tanto o acompanhou, também não o reconheceu: “Disse-lhe Jesus: Mulher, por que choras? Quem buscas? Ela, cuidando que era o hortelão, disse-lhe: Senhor, se tu o levaste, dize-me onde o puseste, e eu o levarei” (*João 20:15*).

E por fim, um dos momentos mais lembrados da Bíblia, quando Tomé toca em Jesus esperando certificar de fato que ali é Ele: “Disseram-lhe, pois, os outros discípulos: Vimos o Senhor. Mas ele disse-lhes: Se eu não vir o sinal dos cravos em suas mãos, e não puser o meu dedo no lugar dos cravos, e não puser a minha mão no seu lado, de maneira nenhuma o creerei” (*João 20:25*).

O apóstolo Paulo o nomeia como o “primogênito dentre os mortos”: “E ele é a cabeça do corpo da igreja; é o princípio e o primogênito dentre os mortos, para que em tudo tenha a preeminência” (*Colossenses 1.18*).

Tal declaração aponta que assim como Cristo ressurgiu dentre os mortos, os eleitos também surgirão para viver eternamente, recebendo um corpo incorruptível e sem mais limitações.

1.4. O Cristo escatológico

O termo “ἔσχατος (eschatos), aparece em João 12.48 (FRIBERG & FRIBERG, 1987, p. 6), expressão grega que quer dizer “final” ou “último”. A *Teologia Sistemática* estuda acerca das últimas

³ Referência à profecia de Daniel 7.13-14.

coisas, sendo a “Escatologia”, o estudo sobre o “fim dos tempos”. E no fim dos tempos, Cristo se manifestará como Juiz, não mais como advogado: “Diante de Deus e de Cristo Jesus, que há de julgar vivos e mortos” (II *Timóteo* 4.1). Ora, segundo a Bíblia, todos irão estar presentes: “Porque todos devemos comparecer ante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o que tiver feito por meio do corpo, ou bem ou mal” (II *Coríntios* 5.10). Após ser assunto aos céus em seu corpo ressurreto, Cristo assentou a destra de Deus e voltará a terra para governar e julgar as nações: “E vi o céu aberto, e eis um cavalo branco; e o que estava assentado sobre ele chama-se Fiel e Verdadeiro; e julga e peleja com justiça” (*Apocalipse* 19:11).

No *Evangelho segundo Mateus*, existe a descrição do Cristo Rei, o mesmo que se mostra no Apocalipse: “Quando o Filho do homem vier em sua glória, com todos os anjos, assentar-se-á em seu trono na glória celestial. Todas as nações serão reunidas diante dele, e ele separará umas das outras como o pastor separa as ovelhas dos bodes” (*Mateus* 25:31).

Além de Juiz, o Cristo do Apocalipse também é executor:

Vi os céus abertos e diante de mim um cavalo branco, cujo cavaleiro se chama Fiel e Verdadeiro. Ele julga e guerreia com justiça. Seus olhos são como chamas de fogo, e em sua cabeça há muitas coroas e um nome que só ele conhece, e ninguém mais. Está vestido com um manto tingido de sangue, e o seu nome é Palavra de Deus. Os exércitos dos céus o seguiam, vestidos de linho fino, branco e puro, e montados em cavalos brancos. De sua boca sai uma espada afiada, com a qual ferirá as nações. “Ele as governará com cetro de ferro.” Ele pisa o lagar do vinho do furor da ira do Deus todo-poderoso (*Apocalipse* 19.11-15).

Talvez pareça contraditório, o fato Dele se mostrar como rei, juiz e guerreiro mas, essa perspectiva de liderança é desde o rei Davi (1006 e 966 a. C.). No período da monarquia em Israel, os reis possuíam essas funções: Salomão julgou a causa as duas mulheres (1 *Reis* 3:16-28), Davi ia adiante na guerra (2 *Samuel* 8.1-2). No *Evangelho segundo Lucas* 1:32-33, está escrito: “Ele será grande e será chamado Filho do Altíssimo. O Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, o seu pai, e ele reinará para sempre sobre o povo de Jacó; o seu reino jamais terá fim”.

Essa manifestação de Cristo, segundo a Bíblia, acontecerá na consumação dos séculos, quando Deus julgará as nações através do seu Filho. Esse aspecto dominante e fulminante de Cristo é o explorado por José de Anchieta em sua epopeia *De gestis Mendi de Saa*⁴.

2. FEITOS DE MEM DE SÁ

A epopeia renascentista *Feitos de Mem de Sá* (1563), antecede *Os Lusíadas* camoniano, é a primeira das Américas, possui apenas 4 (quatro) Livros (cantos), e contém 3.058 versos. A obra detalha o morticínio de ameríndios, em um Brasil recém descoberto. O “herói” português, Mem de Sá, mostra-

⁴ O título em latim da primeira edição.

se como conquistador da terra e aniquilador do pecado, o paganismo. Hodiernamente, entendemos o contexto histórico da epopeia, cujo foco era a extração da terra e dos seus recursos, negando o direito do nativo e promovendo a naturalização de determinadas hierarquias (raciais, epistêmicas, territoriais, culturais e de gênero).

Quanto a epopeia supramencionada, Anazildo Vasconcelos da Silva escreveu:

A Elaboração literária de fusão da dimensão real da matéria épica, configurada nas campanhas bélicas de Mem de Sá no Espírito Santo e na Bahia contra os índios, e no Rio de Janeiro contra os franceses na tomada do forte de Villegagnon, com a mítica, configurada na aderência dos referenciais simbólicos do cristianismo e das representações socioculturais da comunidade indígena. Essas duas dimensões, encadeadas no curso da ação heroica pela intervenção poética do eu lírico/narrador, manifestam-se, respectivamente, nos planos histórico e maravilhoso do poema (2017, p. 50).

Ora, no plano histórico, Mem de Sá, por meio dos seus atos “heroicos”, somado ao plano maravilhoso, em que Cristo o auxilia, carrega a identidade épica, formulada gradativamente desde Homero. O padre José de Anchieta demonstra a manifestação escatológica de Cristo. Desde a *Epístola Dedicatória* ele denuncia: “Foi a própria Onipotência que robusteceu os teus golpes / e prostrou a teus pés as inimigas hostes” (1970, p.2). Ainda na *Epístola Dedicatória*: “para que Cristo expulse o tirano infernal, das terras do Sul e nelas implante o seu reinado eterno!”⁵ (1973, p. 5).

A invocação do eu-lírico /narrador no “Livro I”, é direcionada a Cristo, o Rei:

As glórias do Pai Celeste e sua força divina
teu nome, ó Cristo Rei, e teus feitos gloriosos
começarei a cantar. Num arrojo gigante,
emprenderei a celebrar em versos tuas magnas empresas (ANCHIETA, 1970, p. 6).

No “Livro II”, o eu-lírico /narrador acentua que o extermínio trará luz àquele ambiente de trevas:

Este triunfo de Deus! Começa a bárbara terra
a sacudir dos ombros o tirânico jugo do inferno.
Arrancada às trevas do escuro e lúgubre abismo,
vai receber a luz divina do Sol sem ocaso,
aprender as leis santas do Senhor Jesus Cristo, (ANCHIETA, 1970, p. 25).

Diferente do Cristo encarnado que trazia paz, o Cristo Rei inspira medo, a epopeia demarca isso perfeitamente:

terror se apossa de todos, curvam-se as frentes,
por tanto tempo rebeldes, ao jugo de Cristo.
Parecia que o próprio Deus lá das alturas celestes,
falando ao Chefe, repetia essas mesmas palavras (ANCHIETA, 1970, p. 25).

⁵ Referência a Lucas 1:32-33.

O embate não diz respeito apenas ao reino físico, mas também ao reino espiritual. Os ameríndios como inimigos do terceiro governador geral do Brasil, Mem de Sá, embora não conheçam o demônico, é dito que Satanás está com eles, mas o povo português leva vantagem, pois com eles, está o Cristo Rei: “Gemeu o monstro infeliz, chorou a fera cruel, / Lúcifer, de lhe terem arrancado dos dentes a presa. / Foge de tua face, ó Cristo Rei, a escamosa serpente” (ANCHIETA, 1970, p. 25).

A guerra simultânea entre os reinos e planos (histórico e maravilhoso) ensanguenta as florestas, Cristo auxilia ao Chefe (Sá) e este rege as tropas portuguesas:

Que ruínas e mortes espalhou seu valor triunfante,
de quanto sangue tingiu as ensombradas florestas
sopeando o furor do bárbaro, vós, ó celestes irmãos
inspirai-mo! Alta progênie, vós habitais os templos supernos
e a bondade do Rei celestial vos deu como guias
ao grande Chefe, para ajudá-lo, a seus tempos,
nos múltiplos trabalhos das expedições e da guerra,
e para abalar de pavor os corações inimigos. (ANCHIETA, 1970, p. 40).

Mem de Sá como aquele que foi predestinado, escolhido por Cristo, auxiliado pelo divino, concatena no plano histórico e maravilhoso, o âmbito literário, que o faz ascender a condição de herói épico.

Considerações finais

O reforço de Cristo na conquista das “terras”, assim como o auxílio de Atena na Odisseia homérica, demonstra o elemento maravilhoso na epopeia. Já no aspecto histórico temos o governo-geral de Mem de Sá, que foi agraciado em uma epopeia escrita por um jovem de Coimbra, que também serviu como Padre Catequizador do povo ameríndio. José de Anchieta, como padre, frequentou seminário e conhecia em profundidade a episteme teológica. A forma que foca no “Cristo do fim”, diante de um povo nativo, mostra-nos o olhar intolerante da Igreja do século XVI, por certo, que esse olhar decolonial é anacrônico. Sabemos que Anchieta era um homem do seu tempo, não podemos negar o seu legado literário, explorado no Brasil e no exterior.

Referências bibliográficas

AN GRONINGEN, Gerard. **Revelação Messiânica no Velho Testamento**. Campinas: Editora Luz para o caminho, 1998.

ANCHIETA, José de. **Feitos de Mem de Sá**. São Paulo: Ministério da Educação e Cultura, 1970.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 1995.

FRIBERG, Barbara & FRIBERG, Timothy (eds.). **O Novo Testamento Grego Analítico**. São Paulo: Vida Nova, 1987.

GIRARD, René. **Coisas ocultas desde a fundação do mundo**: a revelação destruidora do mecanismo vitimário. Trad. Martha Gambini. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

POYTHRESS, Vern S. **Theophany**: A Biblical theology of God's appearing. Wheaton: Crossway, 2018.

RAHNER, Karl. **Curso fundamental da fé**: introdução ao conceito de cristianismo. Trad. Alberto Costa. São Paulo: Paulinas, 1989.

SILVA, Anazildo Vasconcelos da. **Formação épica da literatura brasileira**. 2. ed. Jundiaí, SP: Paco, 2017.